

Entre o supervisível e o invisível extremo: a radicalidade nos engordurados autorretratos-paisagens de Laura Aguilar¹

Camila Fontenele de Miranda²

Resumo: Neste artigo, analiso alguns autorretratos-paisagens da fotógrafa Laura Aguilar buscando explorar a abordagem estética e política radical presente em seu trabalho. Também proponho que os autorretratos de Aguilar desempenham papel fundamental na reflexão referente aos Estudos do Corpo Gordo, oferecendo contribuição significativa e profunda para esse campo.

Palavras-chave: *Autorretrato. Paisagens gordas. Imaginários fronteiros. Radicalidade.*

Between the super-visible and the invisible-extreme : the radicality in Laura Aguilar's greasy self-portraits-landscapes

Abstract: In this article, I analyze some self-portraits-landscapes by photographer Laura Aguilar, aiming to explore the radical aesthetic and political approach present in her work. I also propose that Aguilar's self-portraits play a crucial role in the reflection within the field of Fat Studies, offering a significant and profound contribution to this study area.

Keywords: *Self- portrait. Fat landscapes. Border imaginaries. Radicality.*

¹ Este artigo faz parte do livro *Só a água sustenta o nosso peso*, pesquisa publicada em 2024 pela Oficinas Terrestres Edições.

² Mestranda no Programa Interdisciplinas de Estudos da Condição Humana na Universidade Federal de São Carlos (Ufscar) na linha Desigualdades e Diferenças no Contemporâneo, e pós-graduada em Cinema, Vídeo e TV: estética da imagem em movimento no Centro Universitário Belas Artes em São Paulo. Participa do Núcleo de Estudos de Gênero, Diferenças e Sexualidades (Ufscar). Interessa-se pelos estudos do corpo gordo, anti coloniais, questões entre a monstruosidade e a humanidade, ética-estética-arte-política e conhecimentos em volta das produções sobre especulação e fabulação. E-mail: contato@camilafontenele.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5233-3697> | Lattes ID: [.http://lattes.cnpq.br/9556188934690959](http://lattes.cnpq.br/9556188934690959). São Paulo, SP.

Nascida em São Gabriel, na Califórnia, a fotógrafa americana¹ Laura Aguilar (1959- 2018), foi importante artista por muito tempo negligenciada² pelo setor de arte *mainstream* (DURÓN, 2020). Aguilar deu início a sua jornada fotográfica de forma autodidata, recebendo de seu irmão orientação sobre impressão e o funcionamento dos equipamentos. Seus primos constituíram um dos primeiros temas das imagens que ela capturou, destacando a importância do núcleo familiar nesse processo. Durante os minutos iniciais de sua palestra na Cal Arts, em 2015, Laura Aguilar introduziu sua participação com a fotografia *Cousins at Disneyland*, de 1978, saudando carinhosamente seus primos e reconhecendo seu papel fundamental. De acordo com Gossett (2018), para Laura Aguilar a biografia era política.

Sua prática abrangeu um grau extremamente íntimo, seja por meio dos retratos de pessoas – familiares, amigos, vizinhos, entre outras – ou em sua série de autorretratos. Sua pesquisa foi profundamente influenciada por sua identidade *queer* em uma comunidade latina e chicana, especialmente considerando que, na comunidade *queer* de Los Angeles, as narrativas de pessoas racializadas, imigrantes e mestiças eram frequentemente ocultadas (GOSSETT, 2018). Aguilar complexificou questões de identidade de maneira crítica e alquímica, dando espaço para suas próprias dores e as de seu grupo, mas também indo além da representação da violência, criando imagens e situações que celebravam a solidariedade e o encontro. Um exemplo disso é a série *Latina Lesbian* (1986-1990), na qual a fotógrafa retratou e coletou relatos de mulheres *queer* da comunidade latina. As histórias manuscritas foram anexadas às fotografias como uma forma de aumentar a conexão e a sintonia com as pessoas retratadas (ZAPATA, 2021). Por meio de *Latina Lesbian*, criou uma abordagem educativa para acompanhar a expansão das identidades lésbicas latinas naquele contexto.

1 Laura Aguilar era californiana de origem mexicana e irlandesa.

2 O reconhecimento do trabalho de Laura Aguilar no meio artístico só começou a ganhar força em 2018, quando faleceu aos 58 anos devido a complicações de insuficiência renal. Desde então, diversas exposições foram realizadas em sua memória, tanto em Los Angeles quanto em Nova York. Cabe ressaltar, no entanto, que o trabalho de Laura Aguilar sempre foi amplamente celebrado por acadêmicos latinx e chicanxs devido a sua abordagem de temas relevantes, como gênero, raça, deficiência, gordura, entre outros.

Desde a década de 1970, Laura Aguilar explorou ampla gama de temas em seu trabalho, abrangendo raça, gênero, sexualidade, deficiência e nacionalidade. Essas categorizações surgiram após a fotógrafa estudar no East Los Angeles College. Todas essas questões, no entanto, eram intrínsecas à própria vida de Aguilar, uma pessoa de ascendência chicana, lésbica, enfrentando a pobreza, dificuldades de aprendizado e a depressão profunda (AGUILAR, s.d.). Em uma dimensão histórica, podemos ainda dizer que o percurso da fotógrafa esteve marcado pelos movimentos dos direitos civis, do feminismo interseccional e da emergência do ativismo LGBTQ+ nos EUA, que ocorreram entre as décadas de 1960 e 1990.

Com o retrato *In Sandy Room*, de 1989, a artista – conhecida por sua timidez – passou a se expor diante de suas próprias lentes. Segundo Christopher Velasco (apud DURÓN, 2020), artista e co-administrador da The Laura Aguilar Trust, em entrevista à *ARTnews*, inicialmente Laura decidiu se autorretratar porque enfrentava dificuldades em se comunicar como desejava e, principalmente, para criticar a maneira como as mulheres são julgadas com base em sua aparência. Ao observar a fotografia (Figura 1), em preto e branco e no formato horizontal, vemos Aguilar se refrescan-



Figura 1

Laura Aguilar,
In Sandy room
, 1989. Impressão em
gelatina prateada, 42
x 52 polegadas
Fonte: UCLA Chica-
no Studies Research
Center. Disponível
em: <https://www.chicano.ucla.edu/about/news/memorial-laura-aguilar-1959-2018>.
Acesso em: 7 fev.
2022.

do diante de um ventilador e uma janela aberta, sentada relaxadamente em uma poltrona com uma bebida em sua mão direita.

Se as pessoas gordas, vestidas – quando encontram roupas que se ajustam adequadamente ao corpo – já são um grande incômodo para uma sociedade moldada pelos padrões corporais do Ocidente, o que significariam então as proeminentes dobras de gordura desnudas de Laura Aguilar em um ambiente fechado? Mais irônico que isso, somente o gesto de prazer ao relaxar, considerando que as pessoas gordas são pejorativamente associadas à inércia, sendo consideradas “um corpo para o fracasso, para o desaparecimento, um corpo errôneo” (CÓRDOBA, 2021, p. 123) em uma cultura que exalta a magreza como sinônimo de saúde, beleza e humanidade.

A filósofa Abigail Campos Leal (2021, p.96), em seu livro *Ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero*, destaca que

Corpe gorde é ao mesmo tempo alvo de uma *hipervisibilização*, através de um olhar que parece querer destacar suas características socialmente lidas como abjetas (gorduras, curvas, dobras, pelancas, celulites, estrias, suor, o ato de comer, a forma de andar, a forma de habitar a esfera política, etc.) e de uma *invisibilização* dos afetos alegres y da força que envolvem esse corpe. A nudez não é permitida para corpes gordes, a não ser sob a forma do *escárnio* ou do *fetiche* (grifos do original).

Assim, podemos constatar que o corpo volumoso habita um limbo entre a invisibilidade severa devido a sua visibilidade extrema, uma vez que a normatividade – raramente categorizada e questionada – promove um jogo perverso de como as existências fronteiriças devem ou não ser percebidas. O trabalho de Laura Aguilar transita nesse campo de maneira persistente, seja ao fotografar pessoas de sua comunidade ou por meio de autorretratos, desafiando e criando espaços possíveis para além dessas dicotomias.

A partir da década de 1990, Laura Aguilar mergulhou mais profundamente em suas explorações corporais por meio de autorretratos altamente significativos. Na série *Nature Self-portraits*, de 1996, a fotógrafa propôs paisagens corpóreas que contrastavam com os corpos amplamente retratados em uma concepção normativa de beleza, ou seja, a mulher branca, cisgênero, magra e com traços delicados – contestando as convenções impostas pela fotografia em relação à ideia de beleza

Figura 2

Laura Aguilar,
Nature Self- portrait #2, 1996.
Impressão em prata
gelatinosa, 35,6 ×
48,4 cm
Fonte: The Laura
Aguilar Trust Of
2016. Disponível
em: <https://www.getty.edu/art/collection/object/109PZG>. Acesso em: 7 fev. 2022.



e à figura da musa, bem como à percepção de paisagem. Em *Nature Self- portraits #2* (Figura 2), Laura aparece deitada de lado entre duas pedras, projetando sombra na mesma direção. Seu rosto está oculto, ignorando o espectador, enquanto suas nádegas proeminentes criam relevos e texturas na fotografia. Aguilar “sentia-se aceita pela natureza. Sentir o sol em seu corpo era importante, porque ela não tinha muito contato em sua vida. As pessoas não a tocavam muito fisicamente”³ (DÚRON, 2020). Ao se considerar paisagem, a fotógrafa não apenas forja a ideia de que a gordura corporal é algo a ser superado e relegado ao passado, mas também estabelece conexões com formas de vida não humanas.

No documentário *Artbound* (KCET, 2018), o episódio 6, *No trespassing*, que aborda artistas inspirados nas paisagens da Califórnia para criar suas obras, Laura Aguilar menciona a influência significativa da fotógrafa americana Judy Dater (1941-). Nascida em Hollywood e criada em Los Angeles, Dater utiliza suas produções fotográficas como uma forma de instigar debates em torno da representação tradicional do corpo feminino e da nudez na fotografia. Embora a imagem mais icônica e celebrada de Judy seja *Imogen and Twinka at Yosemite*, de 1974 –

³ Nessa e nas demais citações de originais em idiomas estrangeiros, a tradução é nossa. No original: *Felt accepted by nature. Feeling the sun on her body was important to her because she did not get a lot of touch in her life. People didn't touch her very much physically.*

descrita como “o primeiro nu frontal a ser publicado na revista *Life* , na edição de 1976 que celebrava as mulheres de 1776 a 1976”⁴ (SYKES, 2012, p.14) e na qual a fotógrafa Imogen Cunningham (1883-1976), então com 90 anos, é retratada segurando uma câmera Rolleiflex enquanto a modelo Twinka Thiebaud (1945-) está completamente nua, apoiada em um tronco de árvore como se fosse uma ninfa no Yosemite National Park, tendo Dater se inspirado na obra *Persephone* , de 1939 , do pintor Thomas Hart Benton (1889-1975) para criar essa imagem – existem outras obras que se assemelham à produção de Aguilar.

Nesse contexto, destaca-se a série *Self-portraits* (1980- 1983) realizada no oeste dos Estados Unidos, em que Judy Dater posou nua em meio a enormes campos vulcânicos e áridos, criando imagens que combinam as concepções clássicas de autorretrato, fotografia de paisagem e *performance* (THE METROPOLITAN..., s.d.). Especificamente em *Self-portrait with Stone* , de 1982 , nos aproximamos diretamente de *Nature Self-portraits #2* . A imagem (Figura 3), em preto e branco, mostra o corpo da fotógrafa em posição fetal entre pequenas pedras, em uma paisagem vasta e desolada. No documentário, Aguilar comenta

4 No original: The first full-frontal nude to appear in *Life* magazine, in its 1976 issue celebrating women from 1776 to 1976 .

Figura 3

Judy Dater,
Self-portrait with Stone , 1982.
Impressão em prata gelatinosa, 36, 8 x 46, 9cm
Fonte: Site da fotógrafa Judy Dater.
Disponível em: <http://judydater.com/self-portraits/3z1yngl-5t0o8n8m0hzhkhs-ph4kmgv>. Acesso em: 28 jun. 2023.



essa fotografia, revelando a influência direta e as modificações necessárias para compor seu autorretrato-paisagem: “fiz a minha posição fetal com essas três grandes pedras”⁵ (KCET, 2018).

Podemos estabelecer certa relação com as obras da artista cubana Ana Mendieta (1948-1985), da americana Imogen Cunningham, mentora de Judy Dater, e até mesmo com a brasileira Fernanda Magalhães (1962-), devido a sua abordagem performativa e ao vínculo com a paisagem. Além disso, no campo teórico feminista, podemos conectar o trabalho de Laura Aguilar com o conceito de *Nepantla*, de Gloria Anzaldúa. A teórica chicana

Utiliza *Nepantla*, palavra indígena da língua *náhuatl* que significa um lugar intermediário (no meio) (...) para designar um espaço de transição radical. (...) Em *Nepantla*, sugere-se que esse “choque” provoque deslocamentos na nossa percepção de mundo, onde a maneira como o conhecemos se finda. Além disso, há o reconhecimento que existem muitos mundos vibrando em simultâneo. Por isso, *Nepantla*, sobretudo, é um espaço onde as ficções de poder, as identidades, a estética, epistemologia e a ontologia são questionadas (MIRANDA, 2022, p.96-97, grifos do original).

Ao examinar as imagens de Laura Aguilar, somos confrontados com uma gama de sensações complexas. Suas obras geram tensões e expandem nossa compreensão do mundo, que muitas vezes está enraizado em uma visão antropocêntrica, linear e caracterizada pela criação de categorias e pela violência. É verdade que corpos continuam a ser capturados, pois, dentro das ficções de poder, alguns são destinados a *ser sujeitos*, enquanto outros são transformados em *objetos*. A fotógrafa, no entanto, vai além disso, até da própria humanidade negada. Poderíamos, portanto, sugerir que Aguilar habita uma espécie de espaço-entre, tornando-se presente em *Nepantla*.⁶ À primeira vista, o corpo imenso parece ser o foco de suas imagens, mas, ao mesmo tempo, se transforma em uma camuflagem,

5 No original: I did my fetal position with those three big rocks .

6 A pesquisadora, ativista e artista Lucrecia Masson Córdoba (2021), na Conferencia *Cuerpo, exceso y mundos incommunes: un interludio rumiante*, faz a leitura de uma carta para Laura Aguilar fabulando radicalmente um encontro em *Nepantla*, de Gloria Anzaldúa. A investigação de Masson é um importante ponto de aproximação e alongamento de uma parte do trabalho de Aguilar no campo dos estudos do corpo gordo (*Fat Studies*). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_5ucJX4JvRM.

mesmo que efêmera, que suspende o ambiente hostil do cotidiano. Com o intuito de criar um lugar onde a separação entre diferentes formas de vida, principalmente as não humanas, se dissolva, a artista desenvolve fotografias complexas que entrelaçam afetuosidade e brutalidade.

As forças subversivas presentes no trabalho de Laura geraram um adjetivo ininteligível para uma sociedade moldada pelo eurocentrismo, pela branquitude, pela heteronormatividade, pela cisgeneridade e pelo cristianismo (culpabilização da carne). Da mesma forma, o sistema de arte *mainstream* menosprezou seu trabalho devido à exposição do corpo gordo (nu) de uma mulher *queer*. Sybil Venegas, curadora da exposição *Laura Aguilar: show and tell* (2017-2018) no Vincent Price Art Museum (VPAM), afirma que “ela [Laura] era tão aberta em relação a essas questões em seu trabalho, com seu corpo e sua identidade, que as pessoas simplesmente não conseguiam lidar com isso”⁷ (DURÓN, 2020). Apesar da rejeição dessas instituições, Aguilar sempre se dedicou a sua comunidade, especulando com maestria sobre o porvir.

Na série *Motion*, de 1999, a artista convidou mulheres de diferentes formas para posar junto a ela entre pedras e galhos. Na imagem (Figura 4) em preto e branco, quatro mulheres enfatizam as dobras corporais, as gorduras, as peles flácidas e até mesmo as costelas expostas (no caso da mulher mais magra no canto direito). Laura está de olhos fechados, deitada no lado esquerdo da fotografia, enquanto a mulher negra olha fixamente para algo acima dela com determinação. As outras duas mulheres estão à direita, sem mostrar o rosto, com o corpo aparentemente mais fechado, quase se dissolvendo no fundo da imagem. O volume e as linhas dos corpos, assim como as poses de cada uma, coletivamente produzem um imaginário alternativo para a fotografia de paisagem e corpos femininos e feminizados. Em relação a essa série, Aguilar (s.d.) aponta: “comecei a olhar para dentro de mim. Estava lidando com meu corpo, encontrando perdão por odiar meu corpo, aprendendo a aceitar a graciosidade dentro de mim, dentro da vida e da natureza”⁸.

7 No original: “She was so out front with these issues in her work with her body and her identity that people just couldn’t deal with it”

8 No original: “I began to look inward. I’d been dealing with my body, finding forgiveness for hating my body, learning to accept grace within myself, within life and nature .”

Figura 4

Laura Aguilar,
Motion #58, 1999.
Impressão em prata
gelatinosa, 36 × 47,6
cm

Fonte: The Laura
Aguilar Trust Of,
2016. Disponível
em: <https://www.getty.edu/art/collection/object/109PZR>. Acesso
em: 07 fev. 2022.



O trabalho de Laura como um todo remete ao que Jota Mombaça (2021, p.26) escreveu sobre “politizar a ferida” e a “coletividade forjada”. Essa abordagem implica

“um modo de estar juntas na quebra e de encontrar, entre os cacos de uma vidraça estilhaçada, um liame impossível, o indício de uma coletividade áspera e improvável” .

Nesse sentido, para compreender melhor o significado de “estar juntas na quebra” para mulheres gordas, especialmente considerando que na fotografia *Motion #58* aparecem corpos de diferentes formas, nem todos necessariamente gordos, é importante observar que

Dentro da cisnormatividade, a relação entre feminilidades y gordofobia possui duas equações complementares: *gorda ≠ mulher* e *mulher gorda < mulher*, isto é, mulheres gordas não são mulheres e mulheres gordas são menos mulheres (LEAL, 2021, p. 90, grifos do original)

Isso se deve ao fato de que a adiposidade é interpretada “como um elemento que *desfaz* ou que *corrompe* as performatividades de gênero binárias” (LEAL, 2021, p. 89, grifos do original). É perceptível que os trabalhos *In Sandy Room*, *Nature Self-portraits* e *Motion*, todos em preto e branco, fogem de uma representação convencional. No entanto, é na série *Grounded*, de 2006-2007, composta por fotografias coloridas, que abstrações incisivas são produzidas, dado que, “O jeito que Laura usa o corpo dela é bem não conformista com as normas de gênero, é como se

desnaturalizasse o jeito em que pensamos sobre o corpo. Isso radicaliza até mesmo o que gênero significa”⁹ (NOWNESS, 2018).

Aguilar subverteu a noção de linearidade do corpo: onde está a cabeça? Onde estão os pés? Essas questões se tornam insignificantes, pois o estado de presença e in/visibilidade que ela criou é sorrateiro. Especialmente nesse trabalho, a artista se transformou e se fundiu com as imensas pedras do Joshua Tree National Park. A invisibilidade do corpo gordo é uma contradição sustentada pela sociedade obcecada pela magreza, pois um corpo gordo, principalmente se for não branco, não pode ser escondido atrás de uma pena ou de uma coluna. Laura Aguilar escolheu intensificar seu tamanho ao se conectar com paisagens rochosas, e esse gesto também a reconectou com sua linhagem materna indígena.

Em *Grounded #107* (Figura 5), as banhas da barriga estão espalhadas sobre o chão desértico. Carne, galhos torcidos, pequenas vegetações e pedras formam a desconfiguração humana da fotógrafa. Em posição (meramente) fetal, a fusão entre gordura e terra viabiliza o renascimento de Laura.

9 No original: The way that Laura uses her body is very gender-nonconforming, it's like denaturalizing the way in which we think about the body. And that radicalizes what gender even means.

Figura 5

Laura Aguilar,
Grounded #107,
2006. Impressão a
jato de tinta, 29,6
x 40,7 cm
Fonte: The Laura
Aguilar Trust Of,
2016. Disponí-
vel em: [https://
www.artic.edu/
artworks/261378/
grounded-107](https://www.artic.edu/artworks/261378/grounded-107).
Acesso em: 7 fev.
2022.



Figura 6

Laura Aguilar, *Untitled*, 2007. Impresão com pigmento, 43,1 x 55,8 cm
Fonte: The Laura Aguilar Trust Of, 2016. Disponível em: <https://canadianart.ca/features/the-natural-history-of-the-world/>. Acesso em: 7 fev. 2022.



A seguir, na imagem *Untitled* (Figura 6), parte da mesma série, a artista utiliza suas próprias nádegas para dar continuidade às fendas ancestrais das rochas. É por meio da protuberância de seu corpo que ela estabelece uma troca com o mundo dos não humanos e se alimenta de uma espécie de grandeza espiralada. Laura

Procurou lugares em que “o deserto muda” de rochas menores para rochas maiores, onde seu “corpo se encaixa”. É evidente que a criação deste trabalho implicou em uma forma de aceitação radical por parte de Aguilar. Ao não se ver mais isolada e enclausurada em uma forma distinta, ela também mudou. Seu corpo se tornou uma paisagem ¹⁰ (O’NEILL-BUTLER, 2021).

10 No original: Searched for places where “the desert changes” from smaller rocks to larger ones, where her “body fit in.” It’s clear that the creation of this work entailed a form of radical acceptance on Aguilar’s part. In not seeing herself as isolated and encased in a discrete form any longer, she changed too. Her body became a landscape (O’NEILL-BUTLER, 2021).

Os trabalhos da fotógrafa abrem as janelas da fabulação radical do corpo, até então sem futuro e considerado uma aberração, além de impulsionar questionamentos incisivos quando expandido para o campo dos estudos do corpo gordo. Dessa forma, o que aconteceria se as pessoas gordas, principalmente as não brancas, fossem radicalmente gentis, carinhosas e comprometidas com seus próprios corpos, incluindo suas estrias?¹¹ “O que aconteceria se parássemos de nos desculpar por nossas inseguranças, parássemos de as temer , parássemos de tentar nos livrar delas?”¹² (HARRISON, 2021, p. 17). Os estigmas associados à gordura não deveriam ser negociados, uma vez que gestos individuais, como o movimento *body positive*, não modificam efetivamente a vida coletiva das pessoas gordas, especialmente aquelas de tamanhos maiores. O que extermina corpos dissidentes não deveria ser usado como consolo ou falsa sensação de pertencimento. Olhando pela perspectiva da não negociação e da possibilidade de criar espaço vital e respirável,

ser gor/de não é apenas ser atravessado pelas bionecropolíticas gordofóbicas, por poderes que desfazem cor/pos e onto/togias, ser gor/de pode ser também a a/irmação de uma singularidade monstra, ainda que atravessada pela precariedade e por limites, como qualquer afirmação, aliás, e a resignificação desse corpo num lugar outro, inscrito por afetos alegres, para além do que se entende a torto e a direito por “empoderamento” ou “positividade corporal” (bodypositive) (LEAL, 2021, p. 92-93, grifos do original).

Para tanto, por meio de suas inseguranças, na construção e desconstrução de sua identidade, Laura Aguilar produziu, especialmente em autorretratos, uma feitiçaria densa e corpulenta – se fazendo presente mesmo quando invisível aos olhos da sociedade e daqueles considerados sujeitos legítimos. Assim, se o corpo gordo é considerado a ruína da carne, as imagens da artista delineiam uma paisagem especulativa. É pela visualidade que ela radicaliza as imposições de uma sociedade à beira da morte. Corpos gordos existem e sobrevivem para além dos destroços. Aguilar deixou isso nitidamente evidente com seu legado fotográfico, *queer* e untuoso.

11 Essa reflexão foi provocada por Anderson do Carmo durante o Ciclo de Estudos Engordurados, em 2020 , organizado pelo iTRA! (Trabalho Remoto Adiposo).

12 No original: *What would happen if we stopped apologizing for our insecurities, stopped fearing them, stopped trying to shed ourselves of them?*

Atualmente, a fotógrafa é reconhecida como alguém à frente de seu tempo, pois seus trabalhos ultrapassaram a mera denúncia da invisibilidade de corpos sub-representados. Podemos, no entanto, fazer uma observação crítica ao questionar o tempo em que esses corpos dissidentes são expulsos e aniquilados, bem como as temporalidades que estão disponíveis para espiralar e transbordar formas vitais de presença, mesmo que sejam formas fugidias de liberdade.

Referências

AGUILAR, Laura. *Site da fotógrafa*, s.d. Disponível em: <https://www.lauraaguilarphotography.com/about>. Acesso em: 28 jun. 2023.

CÓRDOBA, Lucrecia Masson. Epistemologia ruminante. Trad. Sigrid Beatriz Varanis Ortega. *Lucía Revista Feminista de Cultura Visual e Tradução*, mar. 2021, p. 121- 129.

DURÓN, Maximiliano. Laura Aguilar's lasting legacy: how the world caught up to the pioneering photographer. *ARTnews*, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://www.artnews.com/feature/laura-aguilar-who-is-she-1202684828/>. Acesso em: 15 dez. 2021.

GOSSETT, Che. 'Photography makes me look within': a tribute to Laura Aguilar (1959-2018). *Frieze*, 2 maio 2018. Disponível em: <https://www.frieze.com/article/photography-makes-me-look-within-tribute-laura-aguilar-1959-2018>. Acesso em: 15 dez. 2021.

HARRISON, Da' Shaun. *Belly of the beast: the politics of anti-fatness as anti-blackness*. Berkeley: North Atlantic Books, 2021.

KCET. No Trespassing | *Artbound* | Season 9, Episode 6. YouTube, 10 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8gF-B2lpYYwQ&t=1606s>. Acesso em: 28 jun. 2023.

LEAL, Abigail Campos. trans/bordando: transgeneridades atravessadas pela gordura. In: LEAL, Abigail Campos. *ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero*. São Paulo: Glac Edições, 2021, p. 75- 104.

MIRANDA, Camila Fontenele de. *Só a água sustenta o nosso peso*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Condição Humana) – Universidade Fe-

deral de São Carlos, Sorocaba, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/17611>. Acesso em: 28 jun. 2022.

MOMBAÇA, Jota. Na quebra. Juntas. In: MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021, p. 21 -26.

NOWNESS. Photographers in Focus: Laura Aguilar. Youtube, 17 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CNhxut-QazJl>. Acesso em: 15 dez. 2021.

O'NEILL-BUTLER, Lauren. Laura Aguilar. *Artforum*, v.59, n.8, jun. 2021. Disponível em: <https://www.artforum.com/print/reviews/202106/laura-aguilar-85796>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SYKES, Claire. Judy Dater: seeing and being seen. *Photographer's Forum*, v. 11, n. 10, 2012, p. 10-20.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. *Judy Dater, self-portrait at Craters of the Moon*, s.d. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/789238>. Acesso em: 28 jun. 2023.

ZAPATA, Claudia. Laura Aguilar photographs in focus: latina lesbians. *American Art*, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://americanart.si.edu/blog/laura-aguilar-photographs-latina-lesbians>. Acesso em: 15 dez. 2021.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

